

BREVE COMENTÁRIO A PROPÓSITO DA PARTE I DE "CHUVA OBLÍQUA" DE FERNANDO PESSOA - ELE MESMO

JOÃO DÉCIO (1)

A tendência interseccionista de Fernando Pessoa — Ele — mesmo tem sido apontada pela crítica em geral, sem a necessária exemplificação e só possível através da análise minuciosa da poesia. Isto desaponta um pouco os leitores em geral e o estudioso em particular que busca nas obras de interpretação da poesia pessoana os elementos comprobatórios dessa mesma tendência. Aliás, quantitativamente, o interseccionismo é relativamente pequeno em Fernando Pessoa — Ele — mesmo, mas nem por isso deixa de ser uma faceta das mais importantes, surpreendentes e inusitadas, entre tantas que o poeta apresenta.

E quando se fala no interseccionismo, melhor se diria nas notas interseccionistas, dois longos poemas se apresentam imediatamente como característicos. São êles "Hora Absurda" e "Chuva Oblíqua" e êste último será objeto de algumas considerações nesta oportunidade.

"Chuva Oblíqua" é um extenso poema que se divide em seis partes e tirante a IV, tôdas as outras obedecem a um mesmo esquema imagético e a um mesmo processo temporal. Mas, adentremos à poesia, numa tentativa de concretizar umas tantas idéias. O primeiro verso da parte I: "Atravessa esta paisagem o meu sonho de um pôrto infinito" — já merece alguns comentários. A paisagem à vista do poeta consubstancia o primeiro processo imagético ligado a um tempo lógico e apresenta a realidade por assim dizer "concreta", em têrmos, é claro. Na estática imagética representada pela paisagem, interfere a dinâmica de outra linha imagética, proporcionada pelo sonho e que é o "porto infinito", delineiam-se, interseccionando (a poesia oscilará entre êstes dois polos) as duas seqüências de

(1) Professor de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia de Marília.

imagens, ora predominando uma, ora outra. No segundo verso: "E a côr é transparente de as velas de grandes navios" — já se observa a exemplificação através dos elementos da paisagem ("côr das flôres") e do mar ("velas de grandes navios") através da posição análoga da paisagem floral e marítima. Observa-se mesmo um movimento ondulatório, um vai-e-vem, com o conjunto de imagens presentes à vista do poeta, trazendo e levando as imagens sonhadas. E a ondulação dinâmica aproveita o movimento constante dos elementos vegetais e marítimos. Assim, há, indubitavelmente, uma base dinâmica na elaboração da poesia interseccionista: "... velas de grandes navios/ que largam do cais arrastando nas águas por sombra / os vultos ao sol daquelas árvores antigas".

Na segunda estrofe, o poeta começa a caracterizar mais claramente os dois elementos imagéticos que se interseccionam: o pôrto e a paisagem das árvores: "O pôrto que sonho é sombrio é pálido/ E esta paisagem é cheia de sol dêste lado..."

Até esta altura predominam os elementos imagéticos reconstituídos pela memória das coisas já vistas, isto é, os aspectos objetivos são predominantes em toda linha. Sente-se apenas indiretamente, a presença da criatura humana. A partir, contudo, do terceiro verso da segunda estrofe é que diretamente aparece o ser que será o sujeito atuante no plano mental, das ações: "Mas, no meu espírito o sol dêste dia é pôrto sombrio" e dentro mesmo da recriação imagética interseccionista: Chega-se mesmo uma identificação entre os dois conjuntos de imagens: "E os navios que saem do pôrto são estas árvores ao sol..." A referência à paisagem é que, ao lado do aparecimento dos elementos marítimos assinala a vivência interseccionista da realidade exterior. Já se define claramente através de um sujeito, do poeta, a intersecção dos planos: "Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo..." Isto é, através de uma consciência lúcida dos elementos, afirma-se a presença do presente e do passado, com suas imagens correspondentes. A confusão, a indefinição em alguns pontos nos faz acreditar numa vivência onírica, na qual justamente, as obscuridades se revelam mais profundamente. E é por isso que, ao lado de uma sensação límpida de duas imagens, uma no passado, outra no presente, pode ocorrer a fusão numa imagem poética-síntese: "O vulto do cais é a estrada nítida e calma". Após a evidente estática desta imagem, reaparece a dinâmica da paisagem: "Que se levanta e se ergue como um muro/ E os navios passam por dentro dos troncos das árvores". E aqui a imagem material é explicável se inicialmente dissociarmos os dois elementos materiais (árvores e troncos das árvores e navios) e depois reunirmos sintetizando os dois tempos. A realidade dos troncos das

árvores situam-se num plano passado e no presente tal elemento se transferiu em navio. Nesta dinâmica imagética uma coisa está passando por dentro da outra e está ao mesmo tempo se metamorfoseando em outra: "E os navios passam por dentro dos troncos das árvores".

No verso seguinte aparece outra afirmação que, a princípio se revela um paradoxo: "Com uma horizontalidade vertical". Se lembrarmos, todavia, que estamos diante do interseccionismo de dois tempos, passado e presente, que impõe a realidade concreta e a onírica, opera-se um verdadeiro processo de oscilação entre as duas coleções de imagens, em que o poeta, ao mesmo tempo vê no passado as árvores e no presente o navio. Explica-se através da dinâmica da passagem do tempo o aparente paradoxo da imagem em questão. Portanto, o tempo proporcionando a transformação da realidade e a presença de dois tipos de vida, a concreta e a sonhada permite interpretar das imagens poéticas em "Chuva Oblíqua". Mais adiante, ainda dentro desta dinâmica, o poeta exemplifica e entre em pormenores na transformação imagética (fôlhas em amarras): "E deixam cair amarras na água pelas fôlhas uma a uma dentro....." Passado êste momento, revela-se claramento o processo onírico como uma das componentes de vida que se intersecciona com a realidade concreta: "Não sei quem me sonho..." Mais adiante, o poeta abandona o sujeito para impor a realidade objetiva, a do "não-eu", integrando aspectos dos dois mundos imagéticos: "Súbito tôda a água do mar do pôrto é transparente/ E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse desdobrada,/ Esta paisagem tôda, renque de árvore, estrada de arder em aquêlo pôrto". Nesta altura, como aliás em tôda a poesia domina a apreensão sensorial da realidade, especialmente através da visão. Os últimos quatro versos permitem interpretar o artifício do ser dividindo-se em dois, podendo, portanto, ao mesmo tempo, captar imagens de duas direções, interceptando-as em alguns momentos, sintetizando-as em outros.